

# **A INTEGRAÇÃO DE ALUNOS DE PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA NO ENSINO SECUNDÁRIO PORTUGUÊS: CONTRIBUTOS PARA UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL**

**Gabriela Ascensão Ramos Ourives**

---

**Dissertação de Mestrado em  
Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira**

**SETEMBRO 2010**



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva.

## RESUMO

**PALAVRAS-CHAVE:** integração; língua portuguesa como língua veicular; Português como língua não materna; Educação Intercultural.

Este trabalho insere-se no âmbito do estudo da língua portuguesa como língua segunda e/ou língua Estrangeira. Relaciona-se directamente com alunos estrangeiros para os quais o conhecimento da língua portuguesa não é suficiente ou pode mesmo ser nulo.

Os principais objectivos deste estudo foram: conhecer a visão dos alunos sobre a temática da integração; perceber como é vivenciada a integração na escola; reconhecer os elementos facilitadores e os obstáculos inerentes à integração.

O estudo teve como base um questionário aplicado no ano lectivo de 2009/2010, a dez alunos do décimo segundo ano que frequentavam aulas de português como língua não materna. As respostas fomentaram a elaboração de uma composição na qual os alunos apresentaram uma definição do conceito de integração.

Os resultados do nosso estudo apontaram para a importância do conhecimento da língua como também para a necessidade de conhecer os hábitos e os costumes dos habitantes do país de acolhimento. Foram elementos que os alunos salientaram tanto nos factores da integração como nos obstáculos inerentes a esta. A atitude do próprio imigrante também foi mencionado como sendo um factor relevante no processo de integração.

## ABSTRACT

**KEYWORDS:** integration; Portuguese as vehicular language; Portuguese as a non mother language; intercultural education.

This work is part of the study of the Portuguese language as a second language and/or foreign language. It relates directly to students for whom the knowledge of the Portuguese language is not enough or may even be null.

The main objectives of this study were: to know the students' vision on the theme of integration; to realize how they experienced integration in school; to recognize the facilitating elements and the barriers inherent to that integration.

The study was based on a questionnaire administered in the year 2009/2010 to ten students from the twelfth grade attending classes of Non Mother Language Portuguese. The answers to the questionnaire developed into a composition in which students presented a definition of the concept of integration.

The results of our study pointed to the importance of knowing the language but also to the need to know the habits and customs of the inhabitants of the host country. These were elements that the students stressed both as integrating factors and as obstacles inherent to integration. The attitude of the immigrant himself was also mentioned as being a relevant factor in the integration process.

# ÍNDICE

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>I Parte — Fundamentação teórica .....</b>	<b>4</b>
I. 1. A imigração e suas consequências .....	4
I. 2. A imigração promove a integração .....	6
I. 2.1. A visão sociológica do conceito de integração.....	7
I. 3. A importância da língua .....	9
I. 4. A educação intercultural .....	11
<b>II Parte — Estudo empírico .....</b>	<b>13</b>
II. 1. Introdução .....	13
II. 2. Metodologia .....	13
II. 2.1. Caracterização da turma .....	13
II. 2.2. Evolução do nível de proficiência linguística dos alunos .....	17
II. 2.3. Questionário aplicado aos alunos .....	18
II. 3. Instrumentos e procedimentos da recolha de dados .....	33
II. 4. Participantes .....	34
II. 5. Limitações .....	35
II. 6. Análise e discussão dos resultados .....	35
II. 6.1. A caracterização da turma .....	35
II. 6.2. Quadro 3 – Elementos facilitadores da integração .....	36
II. 6.3. Quadro 4 – Dificuldades sentidas pelos alunos na sua integração .....	36
II. 6.4. Quadro 5 – Propostas para a recepção de alunos estrangeiros.	36

II. 6.5. Quadro 6 – “A integração relaciona-se com” .....	36
II. 6.6. Quadro 7 – Os factores que dificultam a integração .....	37
II. 6.7. Quadro 8 – Factores que facilitam a integração .....	37
II. 6.8. Quadro 9 – Algumas expressões pessoais dos alunos .....	38
<b>III Parte — Conclusões e recomendações .....</b>	<b>39</b>
<b>Bibliografia e outras fontes .....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, as escolas portuguesas foram recebendo alunos de outras nacionalidades e aplicaram medidas que permitissem a sua integração o mais rapidamente possível. Recorreram aos apoios educativos e, por vezes, criaram salas de estudo onde integravam os alunos cuja língua materna não era o português. No entanto, com as grandes alterações das sociedades, estas medidas tornaram-se insuficientes.

Dominar a língua do país de acolhimento permite uma integração mais rápida e uma valorização da sua própria identidade na sociedade. Assim e indo ao encontro das novas vagas de imigração, o Ministério da Educação promoveu a elaboração de vários documentos que delimitam objectivos, conteúdos e metodologias a seguir no ensino/aprendizagem do Português Língua não Materna (PLNM). São eles: *Português Língua Não Materna no currículo nacional documento orientador* (2005); *Português Língua Não Materna no Currículo Nacional Orientações Nacionais: Diagnóstico de competências em Língua Portuguesa da população escolar que frequenta as escolas portuguesas* (2007) e *Orientações Programáticas de Português Língua Não Materna (PLNM) Ensino Secundário* (2008).

O primeiro documento começa por dar uma justificação para a integração do PLNM no currículo nacional:

As mudanças ocorridas na sociedade portuguesa nas últimas décadas, resultado de movimentos migratórios, colocam às escolas constantes desafios que, num esforço suplementar, procuram fazer da diversidade um factor de coesão e de integração. A heterogeneidade sociocultural e a diversidade linguística dos alunos representam uma riqueza que necessita de condições pedagógicas e didácticas inovadoras e adequadas para a aprendizagem da língua portuguesa em todas as áreas do saber e da convivência.

Numa sociedade multicultural como a nossa, o reconhecimento e o respeito pelas necessidades individuais de todos os alunos em contexto de diversidade e pelas necessidades específicas dos alunos recém-chegados ao sistema educativo nacional devem ser assumidos

como princípio fundamental na construção de projectos curriculares adequados a contextos de diversidade cultural e que assegurem condições equitativas de acesso ao currículo e ao sucesso educativo. Os projectos curriculares deverão conter orientações específicas sobre a planificação do ensino e aprendizagem de Português língua não materna, bem como estratégias e materiais (Perdigão, 2005:3).

Verifica-se então que a Escola e todos os profissionais que trabalham nela são fundamentais na integração social dos alunos estrangeiros. As escolas devem elaborar os seus Projectos Educativos tendo em conta estas mudanças e sobretudo valorizando a integração dos alunos sem nenhuma discriminação.

Quando o aluno é integrado numa turma, o trabalho colaborativo entre os professores é fundamental para permitir não só uma rápida integração no sistema escolar português como também uma melhor aquisição dos conhecimentos.

Todas estas temáticas suscitaram o nosso interesse pois, como professora de Português, já tivemos alunos estrangeiros e, para conseguir apoiá-los da melhor forma, alguns dos métodos de ensino tiveram de ser alterados. Verificámos também que, neste contexto, e sobretudo se os alunos estiverem num nível de iniciação, o trabalho colaborativo dos professores do Conselho de Turma é fundamental.

Assim, o presente estudo centra-se em alunos estrangeiros que integraram o sistema educativo português no décimo ano e que estão a concluir o ensino secundário com o décimo segundo ano.

A pergunta de partida foi a seguinte: **os alunos estrangeiros sentem-se integrados na escola portuguesa?**

E, dessa pergunta, decorreram os seguintes objectivos:

- conhecer a visão dos alunos sobre a temática da integração;
- perceber como é vivenciada a integração na escola;
- reconhecer os elementos facilitadores e os obstáculos inerentes à integração.

O estudo encontra-se estruturado em três partes.

Na primeira parte, fundamentação teórica, abordamos questões relacionadas com a temática da integração que não podemos dissociar da temática da imigração e das

consequências desta nas sociedades. Por outro lado, salientamos a importância do conhecimento da língua para uma melhor integração dos alunos estrangeiros como também a importância da língua como língua veicular. Subjacente à temática da língua, estará o ensino do português como língua não materna e/ou estrangeira. Por fim, e pensando na educação como um trabalho colaborativo entre diferentes partes, abordamos a temática da educação intercultural.

Na segunda parte, estudo empírico, apresentamos a metodologia seguida durante a realização desse estudo. Descrevemos os instrumentos utilizados, assim como os procedimentos da recolha de dados e os participantes. Finalizamos com a análise e discussão dos resultados obtidos nos diferentes instrumentos.

Por fim, na terceira parte, apresentamos as conclusões decorrentes de todo o estudo, relacionando-as, sempre que possível, com a fundamentação teórica. Expomos também algumas recomendações que achamos mais pertinentes dentro do estudo realizado e do contexto onde este se insere.

**Palavras-chave:**

- integração;
- língua portuguesa como língua veicular;
- Português como língua não materna;
- Educação Intercultural.



## I PARTE - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### I. 1.A imigração e suas consequências

Portugal foi sempre um país de emigração e ao longo dos séculos foi demonstrando a sua capacidade de conhecer novos mundos e novas realidades. Após a descolonização dos países de África, essa realidade começou a mudar.

Vejamos o seguinte quadro evolutivo da imigração em Portugal.

ANO	RESIDENTES	AUTORIZAÇÕES DE PERMANÊNCIA E PRORROGAÇÕES DE AUTORIZAÇÕES DE PERMANÊNCIA (2001 - 2007)	PRORROGAÇÕES DE VISTOS DE LONGA DURAÇÃO (2005 - 2009)	TOTAL POPULAÇÃO ESTRANGEIRA	CRESCIMENTO (%)
1980	50.750			50.750	
1981	54.414			54.414	7.21
1982	58.674			58.674	7.82
1983	67.484			67.484	15.01
1984	73.365			73.365	8.71
1985	79.594			79.594	8.49
1986	86.982			86.982	9.28
1987	89.778			89.778	3.21
1988	94.694			94.694	5.47
1989	101.011			101.011	6.67
1990	107.767			107.767	6.68
1991	113.978			113.978	5.76
1992	123.612			123.612	8.45
1993	136.932			136.932	10.77
1994	157.073			157.073	14.70
1995	168.316			168.316	7.15
1996	172.912			172.912	2.73
1997	175.263			175.263	1.35
1998	178.137			178.137	1.63
1999	191.143			191.143	7.30
2000	207.587			207.587	8.61
2001	223.997	126.901		350.898	69.02
2002	238.929	174.558		413.487	17.84
2003	249.995	183.655		433.650	4.87
2004	263.322	183.833		447.155	3.11
2005	274.631	93.391	46.637	414.659	-7.27
2006	332.137	32.661	55.391	420.189	1.33
2007	401.612	5.741	28.383	435.736	3.70
2008	436.020		4.257	440.277	1.04
2009*	451.742		2.449	454.191	3.16

\* Dados provisórios

<http://sefstat.sef.pt/evolucao.aspx> (Retirado a 16 de Agosto de 2010)

Ao olharmos para as estatísticas que se encontram no site do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), verificamos que desde 1980, a população estrangeira, em território nacional, tem evoluído consideravelmente, confirmando a nossa afirmação. Em 1980, só existiam 50750 estrangeiros e actualmente, residem no solo português 454 191<sup>1</sup>, incluindo já as prorrogações de vistos de longa duração, documento que permite uma maior estabilidade no país de acolhimento. Os imigrantes já representam mais de 4% dos habitantes em Portugal e esta percentagem vai variando de ano para ano.

Podemos dizer que Portugal foi passando por dois grandes fluxos migratórios. A primeira grande vaga de imigração aconteceu após a descolonização de vários países em África, a partir das décadas de oitenta e noventa, do século XX. Nessa altura, Portugal passou a receber imigrantes de origem africana: cabo-verdianos, essencialmente, mas também angolanos, são-tomenses e guineenses. A segunda vaga de imigração, ocorreu nos finais dos anos noventa, com imigrantes do país de Leste Europeu, da China e do Brasil. Desde então, Portugal tem recebido imigrantes de todos os continentes.

Oliveira e outros autores (2007) referem que esta viragem da imigração tem origem em vários factores: a democratização da sociedade portuguesa, em 1974; a descolonização dos territórios de Ásia e de África, na segunda metade do século XX; a adesão de Portugal à União Europeia, em 1986, resultando numa abertura das fronteiras aos estados membros; e, por fim, a queda dos regimes do Leste Europeu, criando novos estados independentes.

Ramos (2007) salienta que, com este novo processo migratório, desenvolvem-se sistemas de intercâmbios e de trocas entre nações e continentes, focados nos países de origem e países de acolhimento. Existe assim, uma pluralidade de redes complexas onde circulam ideias, pessoas, capitais, mercadorias, laços familiares e comunitários.

É com esta nova realidade que Portugal tem de lidar. Emerge, tal como menciona Ramos (2007), uma perspectiva intercultural, «face à globalização, isto é, uma sociedade que dê lugar às minorias, reconheça os seus direitos, seja aberta às diferenças culturais e na qual a diversidade possa ser percepcionada como fonte de enriquecimento mútuo» (idem, 78).

---

<sup>1</sup> Dados de 2009. In <http://sefstat.sef.pt/evolucao.aspx>

Segundo Garson e Thoreau (1999), existem três tipos de migrações: uma de instalação definitiva ou de povoamento, outra temporária ligada ao emprego e uma de instalação a tempo indeterminado. De acordo com estas concepções do tempo de permanência num país, cada estado apresenta a suas políticas relacionadas com a imigração, criando estruturas sociais e económicas que facilitem a integração dos trabalhadores e das suas famílias no país de acolhimento. Quando o contexto é o imigrante, é difícil dissociar o conceito de integração da imigração.

Em suma, as migrações colocaram novos desafios às sociedades contemporâneas e Portugal não é excepção. O principal desafio é encontrar soluções que permitam uma melhor integração desta nova população, que se torna cada vez mais visível no dia-a-dia dos portugueses. A integração é uma temática que põe em correlação vários domínios (social, económico, educacional, afectivo...) e cujas medidas políticas não podem ser tomadas de ânimo leve. Todo um estudo tem de ser feito para criar documentos que permitam oficializar esta necessidade junto dos poderes políticos.

## **I. 2. A imigração promove a integração**

Com as vagas de imigração, Portugal viu-se obrigado a reflectir sobre o conceito de modos de incorporação, que Portes (1999, 29) refere como sendo «o processo de inserção dos imigrantes em diversos contextos sociais». Para o mesmo autor, os imigrantes são vistos como indivíduos que trazem uma bagagem de competências pessoais, mas sobretudo, como membros de grupos e participantes de estruturas sociais mais vastas que afectam de diversas formas a sua mobilidade económica. É à volta de todo este conjunto de competências que o processo de integração tem de girar. Assim, várias entidades têm de ser envolvidas para que o processo de integração tenha os resultados desejados. A integração acaba por funcionar como uma estruturação da sociedade onde o papel de vários actores é fundamental: o dos indivíduos (imigrantes e autóctones) e o das diferentes instituições que possam contribuir para uma melhor aplicação das medidas definidas para a inserção e posterior integração de imigrantes.

### **I. 2.1. A visão sociológica do conceito de integração**

A palavra integração apresenta várias variantes nas definições que podemos encontrar em diversos dicionários mas será sempre a variante ligada à área da sociologia que se aproximará dos interesses do nosso estudo.

De facto, para a sociologia e segundo a definição do Dicionário da Academia de Ciências (2001: 2127), a integração é *a participação de um grupo social minoritário no funcionamento da sociedade em que se encontra inserido, mantendo, no entanto, as suas características culturais*. Noutra entrada, a integração será *a adaptação dos comportamentos individuais aos que são exigidos pelo grupo social*. Encontraremos aqui também uma definição de integração racial - variante ligada também ao nosso estudo, já que não podemos dissociar as pessoas da sua pertença a uma raça ou etnia: *igualdade política e social, de um grupo com características e traços físicos específicos, no seio de uma sociedade pluriracial*.

Ao definir a palavra integração, não a podemos dissociar da sua origem etimológica (do latim: *integrare* – '*recomeçar, renovar; restabelecer, restaurar*'<sup>2</sup>) que remete para o verbo integrar, cuja definição, também no dicionário já referido, é *tornar ou tornar-se parte de um todo, de um grupo, de um conjunto já existente; fazer ou sofrer integração; deixar ou ficar integrado* ou ainda, *misturar ou misturar-se com outras pessoas, grupos,... participando na vida da comunidade*.

No dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003: 2113), encontraremos outra acepção para esta palavra. Na entrada associada novamente à sociologia, integração é *a acção, o processo ou o resultado de assimilar completamente os indivíduos de origem estrangeira no seio de uma comunidade ou nação (do ponto de vista jurídico, linguístico e cultural), formando um único corpo social*. Aqui também, tal como no Dicionário da Academia de Ciências, aparece uma entrada para o conceito de integração racial. Por um lado, é *a situação em que indivíduos de diferentes raças convivem em harmonia numa comunidade ou nação, sem segregações ou discriminações e com os mesmos direitos*. Por outro lado, é *a política que tem por fim integrar, numa dada sociedade, as minorias raciais*. Neste dicionário, também é interessante a definição

---

<sup>2</sup> In Machado, J.P. (1977). *Dicionário etimológico*. Vol. II. Lisboa: Livros Horizonte, 310.

dada ao verbo integrar na sua vertente pronominal: *unir-se, formando um todo harmonioso; completar-se, complementar-se.*

Ao consultar o site do Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural, encontramos no glossário da secção relacionada com a Educação Multicultural, a seguinte definição para o vocábulo integração do governo do Québec, datada de 1990: «processo de adaptação a longo prazo, multidimensional e distinto da assimilação. Processo ao longo do qual a proficiência na língua do país de acolhimento desempenha um papel motor essencial e que só acaba quando o imigrante, ou os seus descendentes, participam plenamente na vida colectiva da sociedade de acolhimento e desenvolveram sentimento de pertença».

Vermeulen (2001) refere-se ao termo integração como sendo um processo de adaptação que não seja uma total assimilação, pressupondo a conservação de algum individualismo. Assim, poderá apresentar características tanto assimilacionistas como pluralistas.

Ramos (2007) também apresenta uma definição para a palavra integração ao responder à pergunta «como integrar os imigrantes?». Segundo esta autora, integração implica a conservação em parte da identidade cultural do grupo étnico, concomitantemente com uma participação cada vez mais marcada na nova sociedade. Este conceito de integração opõe-se aos pressupostos ligados com a assimilação que defende o abandono da própria identidade cultural em detrimento da comunidade dita dominante.

Baseando agora a nossa reflexão sobre estas definições, podemos ressaltar a vertente ligada à socialização do imigrante com os habitantes do país de acolhimento. É de salientar que o processo de integração é um processo bilateral. Supõe o envolvimento de dois grupos: dos indivíduos recém-chegados e dos habitantes do país de acolhimento. Este convívio nem sempre é fácil e pressupõe uma certa preparação e adaptação por ambas as partes. Aliás, Machado e Matias (2006) referem que o sucesso da integração dos imigrantes depende da receptividade da sociedade de acolhimento através da população como também das políticas governamentais que foram implementadas para o efeito. Os mesmos autores acrescentam que «mais hostilidade do que aceitação e défice de políticas reguladoras, significa integração mais difícil (...) e mais aceitação do que hostilidade e mais regulação política, significa integração mais fácil».

### **I. 3. A importância da língua**

É inquestionável o papel a atribuir à língua portuguesa. O Português é uma das principais disciplinas do currículo, mas também é a língua de ensino, o meio através do qual todos os conhecimentos são transmitidos. Possuir um domínio deficiente da língua afectará, sem dúvida, o conjunto das aprendizagens, bem como todo o processo de integração.

O aluno que se enquadra no âmbito do ensino do português como língua não materna tem necessidades específicas, ao nível linguístico, curricular e de integração.

O acesso à norma-padrão da língua portuguesa e a possibilidade de facultar ao aluno ferramentas variadas que lhe permitam um trabalho diversificado com a língua, são elementos fundamentais para promover a igualdade de oportunidades e ao mesmo tempo para lhe proporcionar mais força social para manter a sua identidade cultural.

Oliveira (2007) refere ao falar do *Projecto Aproximações* a diferença entre a educação formal, a não formal e a informal.

Citando Gadotti (2005), Oliveira apresenta a educação formal como tendo objectivos claros e específicos. Esta aparece principalmente desenvolvida nas escolas e nas universidades. Depende de toda uma organização centrada no currículo que é definido e divulgado pelo ministério da educação.

A educação não formal não é tão hierarquizada nem tem de seguir normas tão rígidas como as da educação formal. É a educação que iremos encontrar, por exemplo, nas associações onde facultam aulas de reforço ou mesmo de aprendizagem inicial da língua do país de acolhimento.

Quanto à educação informal, esta realiza-se no âmbito do processo de socialização do indivíduo, ou seja, em família, com os amigos ou nos próprios bairros.

Ao longo de todo o processo de integração, o indivíduo irá ajustando estratégias de aprendizagem, de acordo com as suas necessidades.

Segundo Oliveira (2007), citando O'Malley, Chamot e Cyr, essas estratégias dividem-se em três grandes parâmetros: as estratégias metacognitivas, cognitivas e sócio-afectivas.

Nas estratégias metacognitivas, realiza-se uma reflexão sobre o processo de aprendizagem, analisando as condições que a podem favorecer. Planifica-se e

organizam-se as actividades em função dessas condições. Realizam-se vários momentos de auto-avaliação para identificar as áreas problemáticas e encontrar uma solução para minimizar as mesmas.

Nas estratégias cognitivas, a interacção entre o aprendente e a língua portuguesa é fundamental. São aplicadas técnicas específicas de comunicação ou de aprendizagem para resolver as situações de confronto com alguma problemática identificada através da aplicação de actividades diversificadas.

Nas estratégias sócio-afectivas, a interacção com locutores nativos ou com os pares tem como intuito favorecer a apropriação da língua portuguesa. Existe, neste caso, um controlo da dimensão afectiva através da cooperação entre os indivíduos e da solicitação da apreciação/correção da performance linguística, bem como sobre o seu percurso de aprendizagem.

Tavares (2007) salienta que no quadro de diversidade linguística das nossas escolas, torna-se absolutamente necessário desenvolver competências de mediação, tanto nos alunos de língua materna como nos alunos de língua não materna, para que seja possível a integração de todos. Essa mediação aparece como um intermediário entre interlocutores que não são capazes de se compreenderem uns aos outros. Desenvolvem-se através desta mesma mediação, actividades relacionadas com a interpretação oral, a tradução escrita, o resumo ou a reformulação de textos.

Um aspecto importante que deve ser tido em consideração é a transversalidade da língua portuguesa porque a aprendizagem da língua interfere em todas as outras disciplinas. Por isso, o vocabulário a que o aluno de português língua não materna é exposto deve ser escolhido no sentido de privilegiar as aprendizagens de todas as disciplinas, e acompanhar o desenrolar das actividades ao longo do ano lectivo.

#### **I.4. A educação intercultural**

Vermeulen (2001) salienta que o termo multiculturalismo se refere simplesmente à multiplicidade cultural, à existência de diversidade de culturas no seio de uma comunidade ou sociedade particulares.

A mobilidade entre os países está a tornar cada vez mais visível o aumento da diversidade social, cultural, assim como a existência de grupos minoritários.

Toda esta situação traz às sociedades contextos multiculturais, multilinguísticos e multireligiosos para com os quais tem de haver a tomada de decisões políticas integradas que compreendam abordagens sociais, económicas e educativas.

Por outro lado, também podemos referir que os meios de comunicação permitem uma ligação entre o país de acolhimento e o país de origem, permitindo desta forma que as diferenças sejam mantidas. Os países mais tolerantes em relação à diversidade cultural irão introduzir políticas multiculturalistas, para permitir uma melhor integração dos imigrantes.

A noção de multiculturalismo surgiu pela primeira vez em 1971, no Canadá, onde Trudeau a introduziu como termo central do seu programa de governo.

Castles (2004) descreve o modelo multicultural segundo quatros pontos.

Em primeiro lugar, o imigrante deve tornar-se um cidadão de plenos direitos no país de acolhimento. Deve-lhe ser dada a possibilidade de obter a nacionalidade do país onde se instala de forma relativamente rápida e sem problemas.

Em segundo lugar, a obtenção de cidadania de pleno direito através da naturalização não garante, no entanto, aquilo a que Castles chama 'cidadania substancial', ou a igualdade real. Incumbe então ao governo anular a desigualdade real entre grupos étnico-culturais e combater as suas causas, incluindo o racismo.

Em terceiro lugar, os imigrantes não se podem tornar cidadãos plenos, a menos que o governo e a sociedade estejam dispostos a aceitar o direito à diferença cultural, não só dos indivíduos, como dos grupos. O tratamento diferencial de grupos com características e necessidades distintas e interesses culturais colectivos constitui, assim, o elemento central do multiculturalismo.

Por fim, as regras gerais que prevalecem numa sociedade são determinadas pelo grupo dominante, normalmente ainda antes da chegada dos imigrantes. Elas não são



exteriores nem neutras à cultura, mas sim culturalmente específicas. Torna-se, assim, necessária a adaptação destas regras aos novos grupos.

A essência do modelo multicultural encontra-se na atenção simultânea prestada à integração política, à integração ou emancipação socioeconómica e ao reconhecimento do princípio de igualdade entre culturas.

A realidade multicultural e a diversidade social tem de ter como resposta iniciativas de educação intercultural para preservar a unidade e identidade dos grupos minoritários e incorporar os conceitos de tolerância, respeito e integração, evitando em qualquer caso a assimilação cultural, pois esta elimina por completo as origens culturais de cada um.

Desta forma, o ensino intercultural tem de estar dirigido não só ao conhecimento, mas também à adopção de atitudes e comportamentos tendentes à aceitação e respeito pela diversidade cultural e social.

A constituição de equipas multidisciplinares deveriam integrar mediadores especializados na matéria, pois estes lidam mais directamente com as questões relacionadas com a diversidade no terreno ou, por assim dizer, fora do contexto escolar.

## II PARTE - ESTUDO EMPÍRICO

### II. 1. Introdução

A recepção e integração de alunos estrangeiros nas nossas escolas é uma realidade cada vez mais frequente. No sentido de entender melhor como os alunos estrangeiros vivem essa fase, efectuámos um estudo empírico, composto por um questionário e por uma composição, junto de um grupo de jovens que usufruíram de aulas de Português Língua Não Materna (PLNM), numa escola do ensino secundário do concelho de Sintra.

Toda a nossa investigação centrou-se nas respostas dadas pelos alunos. A nossa pergunta de partida - **os alunos estrangeiros sentem-se integrados na escola portuguesa?** – procurou dar resposta aos objectivos que apresentamos de seguida:

- conhecer a visão dos alunos sobre a temática da integração;
- perceber como é vivenciada a integração na escola;
- reconhecer os elementos facilitadores e os obstáculos inerentes à integração.

### II. 2. Metodologia

Iniciámos o nosso estudo exploratório com uma caracterização da turma que nos foi facultada pela professora da disciplina de Português Língua Não Materna do grupo de alunos em estudo. Desta forma, centrámos sempre as nossas actividades nos alunos e o estudo foi evoluindo em função das respostas dadas pelos mesmos.

#### II. 2.1. Caracterização da turma

A turma em estudo é uma turma de Português Língua Não Materna (PLNM) do décimo segundo ano de uma escola secundária do concelho de Sintra. A professora titular da turma já lecciona esta mesma disciplina à maioria destes alunos desde o décimo ano.

A turma é constituída por três indivíduos do sexo masculino e sete indivíduos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os dezassete e os vinte anos (em Novembro de 2009). Todos estes discentes nasceram no país de origem e existem dois

chineses, dois ucranianos, dois cabo-verdianos, uma moldava e três guineenses. Vieram para Portugal entre 2002 e 2009 (2002 –  $n = 1$ ; 2003 –  $n = 1$ ; 2006 –  $n = 3$ ; 2007 –  $n = 1$ ; 2008 –  $n = 1$ ; 2009 –  $n = 3$ ).

Todos os pais têm a nacionalidade dos países de origem dos alunos excepto a mãe de um aluno cabo-verdiano que é portuguesa.

Todos os alunos iniciaram as aulas de Português Língua Não Materna no décimo ano excepto os alunos cabo-verdianos que iniciaram no décimo primeiro ano quando chegaram a Portugal. Os alunos guineenses ingressaram nesta turma durante este ano lectivo, no décimo segundo ano. Um dos alunos chineses veio para Portugal com idade para ser colocado no sétimo ano mas, como era estrangeiro, a direcção da escola onde estava decidiu colocá-lo no quinto ano.

Os alunos estão todos a frequentar o décimo segundo ano de escolaridade à excepção de um aluno que está no décimo primeiro ano porque não conseguiu passar de ano. Seis alunos estão no curso de Ciências e Tecnologias, dois no de Ciências Sócio-Económicas, dois no de Artes Visuais e um no de Línguas e Humanidades.

### **Alunos chineses**

**A1 (19 anos):** chegou a Portugal em 2007 e foi integrado numa turma de nono ano durante o segundo período. Teve apoio na disciplina de Língua Portuguesa. Durante o período de férias, uma professora que estava na biblioteca da escola também lhe deu apoio. Nesse ano lectivo, o aluno realizou o exame nacional de língua portuguesa como os outros alunos da turma. No ano lectivo seguinte, no décimo ano, integrou uma turma de Português Língua Não Materna.

É um aluno que se destaca na disciplina de Matemática facto esse que o incentiva para trabalhar muito na língua portuguesa. Vive sozinho, pois ambos os pais trabalham os dois em Espanha.

**A6 (20 anos):** quando a aluna chegou a Portugal, tinha idade para integrar uma turma do sétimo ano mas, por opção da escola, colocaram-na numa turma do quinto ano. Realizou o terceiro ciclo no ensino recorrente nocturno, pois não se sentia à vontade com alunos mais novos. De seguida, iniciou o décimo no percurso normal, de dia, e integrou a turma de Português Língua Não Materna. Trabalha na loja dos pais o

que facilita a comunicação em língua portuguesa. É das melhores alunas de toda a escola. Vai prosseguir estudos.

#### **Alunos ucranianos**

**A2 (18 anos):** a aluna iniciou o seu percurso na escola portuguesa no sétimo ano. Durante o terceiro ciclo, teve sempre apoio na disciplina de Língua Portuguesa e no nono ano, fez o exame nacional de Língua Portuguesa como os outros alunos. No décimo ano integrou uma turma de Português Língua Não Materna.

Já não consegue escrever em ucraniano, só percebe o que ouve e ainda sabe falar. Pretende prosseguir estudos.

**A3 (18 anos):** o aluno chegou a Portugal no mês de Junho de 2004. Durante o Verão, foi aprendendo a falar com os colegas do clube desportivo. Quando chegou à escola, em Setembro, já falava um pouco. Durante o terceiro ciclo, teve apoio na disciplina de Língua Portuguesa. No décimo ano integrou a turma de Português Língua Não Materna. Pretende prosseguir estudos.

#### **Aluna moldava**

**A4 (19 anos):** quando a aluna chegou a Portugal, não foi logo para a escola. Trabalhou numa fábrica e aprendeu a falar um pouco. No ano lectivo seguinte (2007/2008) integrou a turma de PLNM do décimo ano. Reprovou no décimo primeiro ano.

#### **Alunas cabo-verdianas**

**A8 (19 anos):** a aluna iniciou o seu percurso escolar em Portugal no décimo ano. Por indicação dos professores do Conselho de Turma, a aluna integrou a turma de PLNM no décimo primeiro ano.

**A7 (17 anos):** a aluna chegou durante o segundo período do ano lectivo 2008/2009 e integrou a turma de PLNM do décimo primeiro ano.

### **Alunos guineenses**

**A5 (17 anos):** esta aluna, efectivamente, não pertence à turma de PLNM do décimo segundo ano. Seguiu o curso de Línguas e Literaturas e neste caso, tem de frequentar as aulas de Português. Como não tem aproveitamento nesta disciplina, ela frequenta aulas de PLNM do décimo segundo. Não poderá entrar num curso superior cujo exame específico seja o Português. A aluna chegou este ano lectivo a Portugal.

**A9 (17 anos):** o aluno integrou a turma de décimo segundo de PLNM, neste ano lectivo, porque teve equivalências para tal.

**A10 (18 anos):** a aluna integrou a turma de décimo segundo de PLNM, neste ano lectivo, porque teve equivalências para tal.

Este documento possibilitou um primeiro conhecimento da turma, revelando elementos fundamentais do percurso escolar de cada aluno.

É de referir que se completou esta caracterização com um quadro referente à evolução do nível de proficiência linguística dos alunos, que se encontra na página seguinte.

## II. 2.2. Evolução do nível de proficiência linguística dos alunos

QUADRO 1

	Código	Chegada a Portugal	Ano lectivo 2007-2008		Ano lectivo 2008-2009		Ano lectivo 2009-2010	
			10º ANO		11º ANO		12º ANO	
			Início	Fim	Início	Fim	Início	Fim
Moldava	A4	03/12/2006	A1	A2	A2	B1	B1	B1
Chineses	A1	30/06/2006	A1	A2	A2	A2	A2	B1
	A6	14/07/2003	B1	B1	B1	B1	B1	B1
Ucranianos	A2	09/05/2002	B1	B1	B1	B1	B1	B1
	A3	26/08/2004	B1	B1	B1	B1	B1	B1
Cabo-verdianos	A7	04/06/2008	---	---	B1	B1	B1	B1
	A8	10/2006	---	---	B1	B1	B1	B1
Guineenses	A5	20/09/2009	---	---	---	---	B1	B1
	A9	06/08/2009	---	---	---	---	B1	B1
	A10	26/09/2009	---	---	---	---	B1	B1

### II. 2.3. Questionário aplicado aos alunos

O nosso segundo passo centrou-se num questionário aplicado aos alunos e que se apresenta de seguida. Está constituído por uma breve identificação de cada aluno e por quatro perguntas abertas para dar a possibilidade ao aluno de se expressar livremente. Este processo permitiu estabelecer ligações entre diferentes pressupostos teóricos.

---

#### **QUESTIONÁRIO**

Este questionário insere-se num trabalho de investigação que está a ser realizado no âmbito do ensino do Português como língua segunda e estrangeira.

Agradeço desde já a vossa colaboração.

---

##### *Uma breve identificação*

**Sexo:**    Masculino ☐    Feminino ☐

**Que idade tem?** \_\_\_\_\_

**Onde nasceu?** \_\_\_\_\_

**Qual é a sua nacionalidade?** \_\_\_\_\_

**Qual é a nacionalidade do seu pai?** \_\_\_\_\_

**Qual é a nacionalidade da sua mãe?** \_\_\_\_\_

**Quando é que chegou a Portugal?** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Em que ano de escolaridade é que começou a escola portuguesa?** \_\_\_\_\_

**Em que ano de escolaridade está actualmente?** \_\_\_\_\_

**Tem aulas de Português Língua Não Materna?**    Sim ☐    Não ☐

**Se sim, desde quando?** \_\_\_\_\_

---

**Pergunta 1**

Sente-se integrado(a) na escola portuguesa? Sim ☐ Não ☐ Porquê?

**Pergunta 2**

O que é que facilitou essa integração?

**Pergunta 3**

O que é que dificultou essa integração?

**Pergunta 4**

Se fosse convidado(a) para organizar a recepção de alunos estrangeiros na sua escola, que sugestões apresentaria?

---

Das respostas dadas à primeira parte deste questionário, foi elaborado um quadro síntese da identificação dos alunos, apresentado na página seguinte.



**QUADRO 2 - BREVE IDENTIFICAÇÃO DOS ALUNOS**

	<b>Código</b>	<b>Idade Sexo</b>	<b>Nacionalidade</b>		<b>Chegada</b>	<b>Ano escolar na entrada</b>	<b>Ano actual</b>	<b>Aulas PLNM</b>
<b>Moldava</b>	<b>A4</b>	19 rapruga	Pai	Moldava	<b>03/12/2006</b>	10°	11°	Sim 10°
			Mãe	moldava				
<b>Chineses</b>	<b>A1</b>	19 rapaz	Pai	Chinesa	<b>30/06/2006</b>	9°	12°	Sim 10°
			Mãe	Chinesa				
	<b>A6</b>	20 rapariga	Pai	Chinesa	<b>14/07/2003</b>	5°	12°	Sim 5°
			Mãe	Chinesa				
<b>Ucranianos</b>	<b>A2</b>	18 rapariga	Pai	Ucraniana	<b>09/05/2002</b>	5°	12°	Sim 10°
			Mãe	Ucraniana				
	<b>A3</b>	18 rapaz	Pai	Ucraniana	<b>26/08/2004</b>	7°	12°	Sim 10°
			Mãe	Ucraniana				
<b>Cabo-verdianos</b>	<b>A7</b>	17 rapariga	Pai	Cabo-verdiana	<b>04/06/2008</b>	11°	12°	Sim 11°
			Mãe	Cabo-verdiana				
	<b>A8</b>	19 rapariga	Pai	Cabo-verdiana	<b>10/2008</b>	11°	12°	Sim 11°
			Mãe	Cabo-verdiana				
<b>Guineenses</b>	<b>A5</b>	17 rapariga	Pai	Guineense	<b>20/09/2009</b>	12°	12°	Sim 12°
			Mãe	Guineense				
	<b>A9</b>	17 rapaz	Pai	Guineense	<b>06/08/2009</b>	12°	12°	Sim 12°
			Mãe	Portuguesa				
	<b>A10</b>	18 rapariga	Pai	Guineense	<b>26/09/2009</b>	12°	12°	Sim 12°
			Mãe	Guineense				

A informação recolhida nas respostas às quatro perguntas do questionário foi categorizada num total de três quadros.

**QUADRO 3 - ELEMENTOS FACILITADORES**

DA INTEGRAÇÃO			NACIONALIDADES									TOTAL	
			Moldava	Chinesa		Ucraniana		Cabo-verdiana		Guineense			
CATEGORIAS	INDICADORES	A4	A1	A6	A2	A3	A7	A8	A5	A9	A10		
COLEGAS	- ajuda dos colegas	X	X		X	X			X	X	X	7	14
	- simpatia dos colegas		X								X	2	
	- bom relacionamento				X			X				2	
	- ter colegas		X									1	
	- bondade				X							1	
	- estar com eles noutras disciplinas			X								1	
AMIGOS	- ter amigos		X	X		X		X				4	8
	- ajuda dos amigos	X			X							2	
	- simpatia dos amigos		X									1	
	- estar com os amigos			X								1	
PROFESSORES	- ajuda dos professores		X		X	X			X	X		5	8
	- bom relacionamento							X				1	
	- simpatia dos professores		X									1	
	- ter professores								X			1	
LÍNGUA	- saber falar português	X		X	X		X	X				5	5
ESCOLA	- gostar do ambiente				X							1	4
	- escola idêntica à antiga						X					1	
	- gostar da escola									X		1	
	- estudar noutras escolas portuguesas										X	1	
CONHECIMENTO DA CULTURA	- contacto com valores e costumes do país de acolhimento							X				1	2
	- aprender coisas importantes									X		1	
MOTIVOS PESSOAIS	- estar perto de familiares							X				1	2
	- estar com pessoas do mesmo país							X				1	
TOTAL		3	7	4	7	3	2	7	3	4	3		

# QUADRO 4

## DIFICULDADES SENTIDAS PELOS ALUNOS NA SUA INTEGRAÇÃO

		NACIONALIDADES											
		Moldava	Chinesa		Ucraniana		Cabo-verdiana		Guineense			TOTAL	
CATEGORIAS	INDICADORES	A4	A1	A6	A2	A3	A7	A8	A5	A9	A10		
LÍNGUA	- dificuldades na língua		X	X	X	X					X	5	6
	- dificuldades na aprendizagem		X									1	
FALAR	- medo de errar	X										1	3
	- vergonha de falar								X			1	
	- falar com erros								X			1	
RELACIONAMENTO	- com os alunos					X						1	3
	- com os colegas							X				1	
	- com os professores					X						1	
HÁBITOS E COSTUMES	- desconhecimento dos costumes			X								1	2
	- desconhecimento dos hábitos			X								1	
TOTAL		1	2	3	1	3	0	1	2	0	1		

**QUADRO 5**  
**PROPOSTAS PARA A RECEPÇÃO**  
**DE ALUNOS ESTRANGEIROS**

		NACIONALIDADES											
		Moldava	Chinesa		Ucraniana		Cabo-verdiana		Guineense			TOTAL	
CATEGORIAS	INDICADORES	A4	A1	A6	A2	A3	A7	A8	A5	A9	A10		
APOIO AO ALUNO	- passar o tempo com ele					X					X	2	8
	- dar apoio	X					X					2	
	- falar com o aluno										X	1	
	- na aprendizagem da língua				X							1	
	- falar da própria experiência									X		1	
	- ensinar palavras simples			X								1	
AJUDA DE COLEGAS	- da escola						X	X				2	6
	- do mesmo país de origem						X	X				2	
	- português		X									1	
	- da turma				X							1	
CONHECER A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA	- dar a conhecer a vida escolar					X		X				2	5
	- descrição das aulas			X								1	
	- orientação			X								1	
	- apresentar as actividades da escola							X				1	
CONHECER A ESCOLA	- apresentação da escola			X								1	2
	- apresentação do ambiente			X								1	
AJUDA DA ESCOLA	- formar uma turma de PLNM		X									1	2
	- colocar o aluno num grupo para o ajudar					X						1	
CONHECER AS NORMAS DA ESCOLA	- apresentação das regras básicas			X								1	1
TOTAL		1	2	6	2	3	3	4	0	1	2		

Consecutivamente e como os resultados obtidos não foram esclarecedores quanto à visão que os alunos tinham do conceito de integração, foi-lhes pedido uma definição desse mesmo conceito, através da elaboração de uma composição cujo molde se apresenta seguidamente.

## **COMPOSIÇÃO**

---

Este questionário insere-se num trabalho de investigação que está a ser realizado no âmbito do ensino do Português como língua segunda e estrangeira.

Agradeço desde já a vossa colaboração.

---

**Apresente a sua definição para a palavra «integração», num mínimo de duzentas palavras.**

**Integração é** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Procedeu-se à análise de conteúdo das composições através da categorização dos dados em cinco quadros. Apresentamos também a transcrição de duas composições, facultando assim dois exemplos concretos. Este processo já levantou várias questões que salientaremos aquando da análise e discussão dos resultados.

**QUADRO 6**  
**RESULTADOS DA COMPOSIÇÃO**  
**SUBORDINADA AO TEMA “Integração é ...”**

RESULTADOS DA COMPOSIÇÃO SUBORDINADA AO TEMA “Integração é ...”			NACIONALIDADES											
			Moldava	Chinesa		Ucraniana		Cabo-verdiana		Guineense				
A INTEGRAÇÃO RELACIONA-SE COM			A4	A1	A6	A2	A3	A7	A8	A5	A9	A10	TOTAL	
CATEGORIAS	INDICADORES													
ATITUDE DO IMIGRANTE	- entrar dentro de uma sociedade						X			X			2	12
	- portar-se bem num grupo			X									1	
	- portar-se bem na sociedade			X									1	
	- gostar de comunicar com as pessoas					X								
	- entrar dentro de um grupo						X						1	
	- não ter dificuldades em resolver problemas						X						1	
	- respeitar as regras da sociedade de acolhimento						X						1	
	- respeitar os valores da sociedade de acolhimento						X						1	
	- interessar-se por coisas novas								X				1	
	- rejeitar coisas novas								X				1	
	- viver sem medos do que os outros possam dizer										X		1	
	- acostumar-se											X	1	
SUBTOTAL			0	2	0	1	5	0	2	1	1	1		

**QUADRO 6 (continuação)**  
**RESULTADOS DA COMPOSIÇÃO**  
**SUBORDINADA AO TEMA “Integração é ...”**

SUBORDINADA AO TEMA “Integração é ...”			NACIONALIDADES									TOTAL		
			Moldava	Chinesa		Ucraniana		Cabo-verdiana		Guineense				
A INTEGRAÇÃO RELACIONA-SE COM			A4	A1	A6	A2	A3	A7	A8	A5	A9	A10		
CATEGORIAS	INDICADORES													
CONHECIMENTO DOS HÁBITOS E DOS COSTUMES	- aderir às regras de um grupo						X						1	7
	- aderir à cultura						X						1	
	- perceber a organização da sociedade						X						1	
	- conhecer as maneiras de fazer as coisas							X					1	
	- conhecer as maneiras de pensar							X					1	
	- conhecer as maneiras de ver							X					1	
	- conhecer as perspectivas de vida							X					1	
RELAÇÃO COM OS OUTROS	- andar bem com os amigos					X							1	5
	- conseguir ter amigos					X							1	
	- não ter dificuldade em comunicar						X						1	
	- interagir com as pessoas							X					1	
	- juntar-se aos outros											X	1	
ATITUDE DE ACEITAÇÃO DO ESTRANGEIRO	- ser tratada como os autóctones			X									1	4
	- reconhecer as diferentes culturas			X									1	
	- reconhecer que não diferenças físicas			X									1	
	- já não ser vista como uma estrangeira					X							1	
ATITUDE DE REJEIÇÃO DO ESTRANGEIRO	- falar mal dos estrangeiros			X									1	2
	- rejeitar a presença de estrangeiros								X				1	
SUBTOTAL			0	4	0	3	4	5	1	0	0	1		
TOTAL			0	6	0	4	9	5	3	1	1	2		

**QUADRO 7**  
**RESULTADOS DA COMPOSIÇÃO**  
**SUBORDINADA AO TEMA “Integração é ...”**

			NACIONALIDADES									TOTAL		
			Moldava	Chinesa		Ucraniana		Cabo-verdiana		Guineense				
FACTORES QUE DIFICULTAM A INTEGRAÇÃO			A4	A1	A6	A2	A3	A7	A8	A5	A9	A10		
CATEGORIAS	INDICADORES													
LÍNGUA	- sentir vergonha pelo erro		X							X			2	6
	- desconhecer a língua					X				X			2	
	- falar com erros									X			1	
	- ter dificuldades em compreender a língua											X	1	
CONHECIMENTO DOS HÁBITOS E DOS COSTUMES	- desconhecer os costumes					X							1	5
	- encontrar um ensino diferente					X							1	
	- desconhecer a sociedade						X						1	
	- desconhecer as formas de ser									X			1	
	- desconhecer as formas de estar									X			1	
RELAÇÃO COM OS OUTROS	- evitar os laços de amizade		X										1	4
	- preferir estar sozinha		X										1	
	- sentir-se discriminado										X		1	
	- não ter amigos											X	1	
TOTAL			3	0	0	3	1	0	0	5	1	2		



**QUADRO 8**  
**RESULTADOS DA COMPOSIÇÃO**  
**SUBORDINADA AO TEMA “Integração é ...”**

RESULTADOS DA COMPOSIÇÃO SUBORDINADA AO TEMA “Integração é ...”		NACIONALIDADES										TOTAL	
		Moldava	Chinesa		Ucraniana		Cabo-verdiana		Guineense				
FACTORES QUE FACILITAM A INTEGRAÇÃO		A4	A1	A6	A2	A3	A7	A8	A5	A9	A10		
CATEGORIAS	INDICADORES												
CONHECIMENTO DOS HÁBITOS E DOS COSTUMES	- entender a organização da sociedade					X						1	8
	- conhecer os valores					X						1	
	- conhecer a cultura					X						1	
	- pesquisar sobre o país de acolhimento						X					1	
	- conhecer os costumes							X				1	
	- conhecer os hábitos							X				1	
	- ter uma cultura semelhante								X			1	
	- ter hábitos semelhantes								X			1	
LÍNGUA	- saber a língua						X	X	X			3	7
	- aprender a língua para comunicar	X		X								2	
	- saber a língua para ter mais oportunidades de integração			X								1	
	- aprender a língua					X						1	
AMIGOS	- ter / conhecer novos amigos			X	X	X						3	6
	- ensinar a falar				X							1	
	- mostrar a escola				X							1	
	- dar apoio na escola										X	1	
SUBTOTAL		1	0	3	3	5	2	3	3	0	1		

**QUADRO 8 (continuação)**  
**RESULTADOS DA COMPOSIÇÃO**  
**SUBORDINADA AO TEMA “Integração é ...”**

RESULTADOS DA COMPOSIÇÃO SUBORDINADA AO TEMA “Integração é ...”			NACIONALIDADES											
			Moldava	Chinesa		Ucraniana		Cabo-verdiana		Guineense				
FACTORES QUE FACILITAM A INTEGRAÇÃO			A4	A1	A6	A2	A3	A7	A8	A5	A9	A10	TOTAL	
CATEGORIAS	INDICADORES													
PROFESSORES	- aprender a falar e a escrever				X	X							2	3
	- ajudar nas outras disciplinas					X							1	
ATITUDE DO IMIGRANTE	- ter um espírito “aberto”							X					1	3
	- saber adaptar-se à novidade								X				1	
	- sentir-se à vontade											X		
FAMÍLIA	- ter a família reunida				X								1	2
	- ter familiares a viver no país de acolhimento							X					1	
SUBTOTAL			0	0	2	2	0	2	1	0	1	0		
TOTAL			1	0	5	5	5	4	4	3	1	1		

**QUADRO 9**

**RESULTADOS DA COMPOSIÇÃO**

**SUBORDINADA AO TEMA “Integração é ...”**

	Código	LEVANTAMENTO DE ALGUMAS EXPRESSÕES PESSOAIS
Moldava	A4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “devido ao facto de sentir vergonha em dizer algo errado, isso tornou-me menos comunicativa”.</li> <li>• “sinto que quero ser uma pessoa social, comunicativa, mas já nem sei como mudar isso”.</li> <li>• “não me sinto como na minha casa, na minha terra”.</li> <li>• <b>“sinto-me uma estrangeira”.</b></li> <li>• “agora, como aprendo a língua portuguesa, espero que tudo mude para melhor”.</li> </ul>
Chineses	A1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “O diferente entre nós são as culturas e não o físico”.</li> </ul>
	A6	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “A integração não depende só do indivíduo em si, mas também das pessoas em volta e das circunstâncias em que se encontra”.</li> <li>• <b>“para haver integração é necessário comunicação”.</b></li> <li>• “Todos nós temos nas costas culturas familiares diferentes”.</li> </ul>
Ucranianos	A2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “A escola também me deu uma professora de português que me ensinava a falar, escrever e também me ajudava nas outras disciplinas”.</li> <li>• “Agradeço aos meus amigos e aos professores que me ajudaram a aprender a língua e a integrar-me aqui”.</li> </ul>
	A3	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “A integração não deve ser prejudicada por discriminação racial, nacional, ética, cultural”.</li> <li>• “as pessoas que estão a integrar-se numa sociedade, devem ser perfeitamente controladas porque nessa fase, é fácil escolher maus caminhos”.</li> <li>• <b>“Apesar de estar integrado, eu não esqueço quem sou”.</b></li> <li>• “A integração é muito subjectiva e depende das pessoas que entrem na nova sociedade”.</li> </ul>

QUADRO 9 (continuação)

RESULTADOS DA COMPOSIÇÃO

SUBORDINADA AO TEMA “Integração é ...”

	Código	LEVANTAMENTO DE ALGUMAS EXPRESSÕES PESSOAIS
Cabo-verdianos	A7	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “A integração implica a adaptação”.</li> <li>• “Tentei não me sentir excluída nesta sociedade, apesar dos receios por causa da minha raça”.</li> </ul>
	A8	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “A integração varia de pessoa para pessoa, de país para país”.</li> <li>• “Há países onde os próprios habitantes dificultam a integração”.</li> <li>• “Há países onde os “negros” não são bem vistos, logo não se vão sentir num ambiente acolhedor nem se vão sentir integrados”.</li> <li>• “muitos dos costumes e hábitos, sem se esquecer da língua, já eram acessíveis para mim enquanto estava no meu querido país, Cabo Verde”.</li> </ul>
Guineenses	A5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “A integração é um factor difícil de superar, principalmente com as pessoas que não têm a língua oficial portuguesa”.</li> <li>• “A integração tem a ver com o país de destino, porque se for um país racista, a pessoa não se sente integrada”.</li> </ul>
	A9	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “às vezes sinto-me como uma pessoa integrada e muitas das vezes não”.</li> <li>• “em alguns sítios, não me sinto discriminado”.</li> <li>• “sinto-me indiscriminado com os meus colegas de equipa. Não me dirigem a palavra, fogem de mim, não querem ficar na mesma equipa. (..) com certeza porque sou preto”.</li> <li>• “Pergunto: será que o que aconteceu comigo, também acontece com muitos pretos que vivem no estrangeiro?”</li> </ul>
	A10	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Não me sentia integrada, não tinha amigos nem compreendia os professores”.</li> <li>• “agora, sinto-me integrada. Os amigos e os professores estão a dar-me o apoio que preciso”.</li> </ul>

## DOIS EXEMPLOS DE COMPOSIÇÃO

### A6 (chinesa)

*Integração é complicada em certos aspectos, não depende só do indivíduo em si, mas também das pessoas em volta e da circunstância em que se encontra. Na minha opinião, a integração dos estrangeiros num país apresenta diferentes dificuldades dependendo da naturalidade da pessoa. Isto é, um estrangeiro de cabo verde (tem a língua portuguesa como língua materna) apresenta uma grande vantagem comparando com um estrangeiro que nunca falou/aprendeu português, assim tendo possibilidade de comunicação, terá mais oportunidade de se integrar, pois para haver integração é necessário comunicação.*

*Actualmente, a sociedade em si foi dividido em vários grupos. As pessoas foram seleccionadas naturalmente, ou então escolheram para entrar num determinado grupo. No entanto, quando as pessoas escolhem, têm uns determinados critérios pessoais, e estes por vezes são muito diferentes entre pessoa e pessoa. O que pretendo realçar aqui é questão da cultura. Todos de nós temos nas costas culturas familiares diferentes. Uma pessoa pode ser mais aberta e outras nem por isso, uma pode ter nações religiosas muito fortes e outros nem tanto, etc. Perante opção, temos sempre aceitar umas e recusar outras. O resultado disso tudo separou as pessoas, tem gente que acham isso uma discriminação. Quando a mim, não é uma discriminação, mas sim, preferências pessoais.*

*Todas as pessoas têm objectivos de vida diferentes, para conseguir atingir objectivo, temos que adaptar ao meio, é importante sentir-se integrado, eu sinto-me integrada em Portugal, porque tenho grupos de amigos com quem posso contar, tenho a escola onde posso aprender coisas novas e uma família reunida. A vida que tinha na China é recuperada. Assim estou feliz em Portugal.*

### **A9 (guineense)**

*Integração é como se fosse uma maneira ou modo de viver num país estrangeira ou de origem em que a própria pessoa se sente avontade e vive tranquilamente sem medo, do que as pessoas (outras) possam falar dele, ao menos, é o que percebi pela integração.*

*Quanto a minha pessoa não digo que estou totalmente integrado em Portugal, país, as vezes sinto-me como uma pessoa integrada e muitas das vezes não, de modo que em alguns ou certos lugares que eu frequento não me sinto discriminado ou seja fico totalmente avontade como se fosse na minha própria casa, notamos bem que alguns brancos não gostam dos pretos e querem viver entre eles sem a mistura de outras raças ou cor e no meu caso sinto-me indiscriminado com os meus colegas de equipa e percebo que eles não querem que eu seja do plantel da equipa com certeza porque sou preto e muitas das vezes se o mister não falar com eles para que abrissem comigo fazer amizade, para ns conhecer melhor porque já somos colegas de equipa não me dirijiam a palavra, ao treinarmos todos ficam a fugir de mim não querem ficar na mesma equipa comigo não querem correr ao meu lado e até houve uma vez que me chamaram do “preto burro” isto porque não percebi um exercício que o mister propõe e não lhe responde porque sei que há muitas pessoas que não gostam dos pretos, do mesmo modo que houve uma vez que fui carregar o meu telemóvel e o recepcionista disse-me que a maquina avariou, derepente veio também um senhor para fazer o mesmo e o recepcionista lhe carregou o telemóvel em fim não sei porque é que isso aconteceu comigo.*

*Pergunto será que o que aconteceu comigo, também acontece com muitos pretos que vivem no estrangeiro?...*

## **II. 3. Instrumentos e procedimentos da recolha de dados**

O primeiro instrumento de recolha foi a aplicação de um **questionário** organizado em duas partes. Na primeira parte, os inquiridos tiveram de responder a questões que permitissem uma breve identificação: *sexo; idade; local de nascimento; nacionalidade; nacionalidade do pai e da mãe; data de chegada a Portugal; ano de escolaridade em que iniciou a escola portuguesa; ano de escolaridade à data do questionário; frequência ou não de aulas de Português Língua Não Materna e desde quando*. Na segunda parte, os alunos responderam a quatro perguntas abertas:

1. *Sente-se integrado(a) na escola portuguesa? Sim/Não, Porquê?*
2. *O que é que facilitou essa integração?*
3. *O que é que dificultou essa integração?*
4. *Se fosse convidado(a) para organizar a recepção de alunos estrangeiros na sua escola, que sugestões apresentaria?*

Tal como foi referido anteriormente, as respostas dos alunos não foram claras quanto à definição do conceito de integração e, por esse motivo, optámos por aplicar um segundo instrumento, uma **composição** com a seguinte orientação: «*Apresente a sua definição para a palavra «integração», num mínimo de duzentas palavras*».

A aplicação destes instrumentos foi sempre uma aplicação directa na presença da professora da turma, estando ausente a investigadora.

## **II. 4. Participantes**

A recolha dos dados foi realizada no ano lectivo 2009-2010. A amostra é constituída por dez alunos pertencentes a uma turma de décimo segundo ano, de Português Língua Não Materna, de uma escola secundária do concelho de Sintra.

A nossa escolha recaiu sobre este grupo por ter características próprias relacionadas com o tema da nossa dissertação. São alunos estrangeiros que integraram o sistema educativo português no ensino secundário e que têm no seu currículo aulas de Português Língua Não Materna e não de Português (Língua Materna).

Os inquiridos são três do sexo masculino e sete do sexo feminino. As idades estão compreendidas entre os dezassete e os vinte anos ( $17 - n = 3$ ;  $18 - n = 3$ ;  $19 - n = 3$ ;  $20 - n = 1$ ). Podem ser agrupados por nacionalidades: chinesa ( $n = 2$ ); ucraniana ( $n = 2$ ); cabo-verdiana ( $n = 2$ ); guineense ( $n = 3$ ) e moldava ( $n = 1$ ). Os alunos foram sinalizados por serem alunos estrangeiros recém chegados a Portugal ou por serem alunos estrangeiros ainda com grandes dificuldades na língua portuguesa. Foram sujeitos a um teste de diagnóstico para posicioná-los no nível de proficiência linguística adequado. Depois da aplicação do teste de diagnóstico, passaram a usufruir de aulas de Português Língua Não Materna. Cinco alunos pertencem a esta turma desde o décimo ano, dois integraram a turma no décimo primeiro ano e três no décimo

segundo ano. Antes de integrar esta turma, quatro alunos beneficiaram de aulas de apoio na sua aprendizagem da língua portuguesa, durante a frequência do terceiro ciclo.

## **II. 5. Limitações**

O presente estudo tem como limitações a própria amostra que é uma amostra de conveniência, pois foi aquela que foi possível face às dificuldades encontradas no terreno como seja a disponibilidade dos docentes. Assim, os resultados deste estudo não se podem generalizar.

## **II. 6. Análise e discussão dos resultados**

### **II. 6.1. A caracterização da turma**

É de salientar que a turma é constituída por cinco nacionalidades. Os percursos dos alunos são diversificados. Alguns alunos iniciaram o seu percurso escolar no ensino básico português e outros só ingressaram o ensino em Portugal, no nível secundário. Assim, o tempo de estadia em Portugal difere muito de um aluno para o outro. Uma informação também importante é o facto de na sua maioria, os alunos demonstrarem interesses em prosseguir estudos numa instituição universitária.

Por outro lado, também é de referir que as equivalências atribuídas aos alunos pelas entidades competentes nem sempre são equivalentes à realidade portuguesa. Facto que a professora referiu para os dois últimos alunos guineenses que integraram a turma neste presente ano lectivo.

Quanto à proficiência linguística, os alunos encontram-se todos no nível intermédio – B1 e no quadro 1 (p.17), podemos verificar que para certos casos (aqueles que iniciaram o percurso no décimo ano), houve uma evolução gradual, segundo o próprio ritmo de aprendizagem e as lacunas dos alunos.



### **II. 6.2. Quadro 3 – Elementos facilitadores da integração**

Como elementos facilitadores da integração, os alunos apontaram, como mais importante, a ajuda dos colegas ( $n = 7$ ). Cinquenta por cento dos alunos refere a ajuda dos professores e com a mesma percentagem, temos também o conhecimento da língua.

Os alunos cabo-verdianos dão mais importância ao relacionamento com as pessoas. O conhecimento da escola ou da cultura não é referido nem pela aluna moldava nem pelos alunos chineses.

### **II. 6.3. Quadro 4 – Dificuldades sentidas pelos alunos na sua integração**

As principais dificuldades relacionam-se com a língua que tem consequências também na relação e na comunicação com os outros.

Só os alunos chineses é que referiram o desconhecimento dos hábitos e dos costumes como factor que dificulta a integração.

### **II. 6.4. Quadro 5 – Propostas para a recepção de alunos estrangeiros**

Em todos os grupos (de nacionalidades) aparece o apoio ao aluno (frequência = 8).

A aluna moldava e os guineenses não referem o pedido de ajuda dos colegas.

No entanto, é de referir que o facto de conhecer a organização da escola é um elemento importante para estes alunos.

A aluna moldava e os guineenses apresentaram poucas propostas.

### **II. 6.5. Quadro 6 – “A integração relaciona-se com”**

A grande categoria que sobressai neste parâmetro é a atitude do imigrante: a forma como ele se comporta dentro da sociedade de acolhimento, o interesse que demonstra perante a nova cultura e os novos hábitos e o respeito pelos mesmos assim como a sua gestão dos relacionamentos com os outros.

Por outro lado, salientam-se também o conhecimento dos hábitos e dos costumes da nova sociedade onde o imigrante se encontra inserido. Aparece aqui o conhecimento das

maneiras de pensar, de ver. Para estes alunos, o facto de aderir às regras de um grupo ou à cultura do país relaciona-se com a integração.

E, decorrente das atitudes do imigrante e de todos os conhecimentos que possa adquirir, surge a construção de uma relação com os outros que pode decorrer de forma positiva ou negativa consoante a aceitação ou a rejeição dos habitantes do país de acolhimento.

## **II. 6.6. Quadro 7 – Os factores que dificultam a integração**

Os alunos apontaram três grandes factores: a língua, os conhecimentos dos hábitos e dos costumes e a relação com os outros.

O facto de não conhecer a língua é o factor principal que dificulta a integração de qualquer imigrante. Quando não se conhecem os hábitos e os costumes, também é difícil entender algumas atitudes ou mesmo saber relacionar-se com as pessoas.

Assim, a língua e o conhecimento dos hábitos e dos costumes aparecem aqui como um entrave à integração dos imigrantes e por consequência ao relacionamento com os outros.

## **II. 6.7. Quadro 8 – Factores que facilitam a integração**

Destaca-se neste quadro o conhecimento dos hábitos e dos costumes ( $n = 8$ ), ou seja, conhecer a organização da sociedade, os valores, a cultura, os costumes ou os hábitos. São elementos importantes e facilitadores da integração.

O conhecimento da língua é igualmente fundamental, pois a quantificação deste também é considerável ( $n = 7$ ). Os alunos salientam aqui o saber a língua não só para comunicar com os outros como para ter mais oportunidades de integração.

Os amigos são referidos como facilitadores da integração permitindo o conhecimento de outras pessoas, ensinando a língua, mostrando a escola e dando apoio na escola.

Também aparecem os professores que permitem uma aprendizagem da oralidade e da escrita e dão ajudas relativamente a outras disciplinas.

Os alunos voltam a destacar a atitude do imigrante na nova sociedade, realçando a necessidade de ter um espírito aberto e *um à vontade* em contextos mais desconhecidos.

A família também é referida sobretudo por aqueles alunos que já têm familiares no país de acolhimento.

#### **II. 6.8. Quadro 9 – Algumas expressões pessoais dos alunos**

Ao longo das respostas, os alunos foram utilizando algumas expressões que foram compiladas no quadro 9 (pp. 30-31).

Salientaremos aqui pelo menos duas: *“para haver integração é necessário comunicação”* e *“apesar de estar integrado, eu não me esqueço quem sou”*.

A primeira expressão remete para a importância do conhecimento da língua mas também dos hábitos e dos costumes culturais do país de acolhimento.

A segunda realça a riqueza da cultura individual. O facto de estarmos noutra país não implica o esquecimento da nossa própria cultura. A junção das duas é que cria a nossa riqueza cultural e individual.

### III PARTE – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Ao falar da integração nunca nos podemos esquecer que devem existir políticas de acolhimento da parte do país que recebe os imigrantes. Estas é que definem as normas e os valores de referência.

Por outro lado, a integração é um processo bilateral, ou seja, tem de existir uma vontade de integrar quem vem de fora mas também tem de existir a vontade de ser integrado, do próprio imigrante. Assim, são fundamentais alguns actos subjacentes à integração tais como a aprendizagem e a prática dos hábitos e dos costumes do país de acolhimento.

Tal como refere Tavares (2007), o cidadão do futuro é não só aquele que é (o *saber-ser*), mas também aquele que tem um saber, adquiriu ferramentas para *aprender a aprender*, domina o *saber-fazer*, para viver com os outros cidadãos europeus, para *querer viver* com os outros cidadãos.

Em 1999, num relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, foi abordada a questão dos pilares da educação.

Nesse relatório salientam-se quatro pilares: **aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos/com os outros e aprender a ser.**

No *aprender a conhecer*, o que se pretende é que cada indivíduo aprenda a compreender o mundo que o rodeia. Deve ser despertada a sua curiosidade intelectual e estimulado o seu sentido crítico, adquirindo, a pouco e pouco, uma autonomia na capacidade de discernir e de avaliar o contexto onde se encontra envolvido. O professor funciona como um recurso às múltiplas fontes que existem e o conhecimento individual (vindo dos meios de comunicação ou do contexto familiar, por exemplo) vem contrapor-se com o conhecimento escolar.

O *aprender a fazer* é indissociável do aprender a conhecer e está estreitamente ligado à questão da formação profissional. É, digamos, pôr em prática todos os conhecimentos adquiridos até ao momento em que iniciamos o nosso percurso como profissionais. É de referir que esse percurso também tem de ser enriquecido com novas aprendizagens e não ser meramente uma aplicação pura e simples dos conhecimentos adquiridos. Ao desenvolver os

nossos conhecimentos ao longo da nossa vida, vamos alcançando novos patamares através do desenvolvimento de novas competências.

*Aprender a viver juntos/com os outros*, é a aprendizagem que representa um dos maiores desafios da educação. Todo o trabalho com os indivíduos tem basear-se num contexto igualitário. Devem existir objectivos e projectos em comum para permitir um ambiente de cooperação e adequado às necessidades individuais. Esta aprendizagem remete directamente para uma Europa intercultural e a integração de uma cidadania europeia. É de referir também que esta educação deve iniciar-se com uma progressiva descoberta do outro. O confronto através do diálogo e da troca de argumentos é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI. Após a descoberta do outro, a participação em projectos diversificados e comuns com outras pessoas permite a valorização das características individuais de todos os elementos envolvidos nos projectos. Todo este trabalho deve ser desenvolvido, não só no contexto escolar, para promover atitudes de socialização positivas, como também no nosso dia-a-dia, ao longo da nossa vida.

No *aprender a ser*, a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa a todos os níveis. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízes de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. O fundamental é então apetrechar os alunos de ferramentas que lhes permitam uma avaliação concreta das situações em que estão envolvidos e a tomada de decisões cada vez mais acertadas, de acordo com as experiências que vão adquirindo. Nesta aprendizagem não se pode negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: a memória, o raciocínio, o sentido estético, as capacidades físicas e a aptidão para comunicar. Cada uma tem o seu valor dentro de contextos diversificados.

De acordo com os resultados obtidos no estudo realizado com os alunos, podemos realçar que a integração escolar é um processo complexo que envolve agentes diversos ligados à escola e à educação dos alunos, tais como a Direcção, o Conselho Pedagógico, os psicólogos escolares e, naturalmente, os pais. No entanto, é de referir que a integração escolar dos alunos constitui um dever da sociedade portuguesa em geral.

Tudo deve começar pela implementação de uma política de integração que vá ao encontro das necessidades reais dos alunos. Essa política deve ter como base o conhecimento

real da população escolar portuguesa e os modelos de integração implementados, com sucesso, em outros países. Para tal, é necessário conhecer quem são os alunos a quem se dirigem os objectivos e qual a sua língua materna e compreender o contexto social em que estão inseridos, através da resposta a um questionário a partir do qual se possa fazer a caracterização sociolinguística dos alunos que tenham o português como língua não materna.

A realização de um teste de diagnóstico adequado a cada situação/aluno é fundamental para poder avaliar a proficiência linguística do aluno. A partir desse diagnóstico será elaborado, em parceria com todos os agentes envolvidos no processo de aprendizagem, o percurso mais adequado, constituído por materiais diversificados e adaptados à faixa etária e às características próprias do aluno.

Todo este percurso deverá constar do dossier individual do aluno para que as informações de todo o trabalho realizado com este possam ser recebidas por todos os agentes educativos que trabalharão com ele nos diferentes estabelecimentos escolares.

Apesar de tudo, não nos podemos esquecer que existem factores internos e externos na aquisição da língua não materna. Para além dos elementos exclusivamente linguísticos, existem aspectos externos que condicionam a aquisição de uma língua não materna: as características socioeconómicas e socioculturais do aprendente, o estatuto sociocultural das duas línguas, a integração do aluno na turma e no currículo escolar do país de acolhimento.

Quanto aos aspectos psicolinguísticos presentes nos processos mentais envolvidos na aquisição de uma língua não materna, podemos salientar o papel que têm as características individuais do aluno (idade, sexo, motivações, atitudes, personalidade, etc.).

A grande diversidade linguística e cultural que é hoje uma realidade na escola portuguesa deve ser aproveitada para criar, nesse contexto, um espaço de intercâmbio de culturas, centrado no conhecimento das características culturais de cada um. O conhecimento de outras culturas torna-nos consciente da singularidade da nossa própria cultura. Compreender os outros faz com que cada um se compreenda melhor a si mesmo.

## BIBLIOGRAFIA E OUTRAS FONTES

**Abdallah-Pretceille, M.** (2008). Communication interculturelle en contexte multilingue. In Bizarro, R. (org.), *Ensinar e aprender línguas e culturas estrangeiras hoje: que perspectivas?* Porto: Areal Editores, 15-24.

**Academia das Ciências** (2001). *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*. Vol II. Lisboa: Verbo, 2116, 2127 e 2128.

**Albarelo, L. et al.** (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

\_\_\_\_\_ (2006). L'interculturel comme paradigme pour penser le divers. In Bizarro, R. (org.), *Como abordar... a escola e a diversidade cultural*. Porto: Areal Editores, 77-87.

**Alarcão, I.** (2008). Desafios actuais ao desenvolvimento da didáctica de línguas em Portugal. In Bizarro, R. (org.), *Ensinar e aprender línguas e culturas estrangeiras hoje: que perspectivas?* Porto: Areal Editores, 10-14.

**Ançã, M. H.** (1999). Da língua materna à língua segunda. Revista Noesis, nº 51. Disponível em: <http://www.dgidc.min-edu.pt/innovbasic/edicoes/noe/noe51/dossier1.htm>. Acedido em Agosto de 2009.

\_\_\_\_\_ (2008). Apropriação da língua portuguesa: o exemplo de um público ucraniano adulto e jovem adulto. In Osório, P. & Meyer, R. M. (coord.), *Português língua segunda e língua estrangeira*. Lisboa: Lidel, 115-132.

**Bardin, L.** (2008). *Análise de conteúdo*. 5ª ed., Lisboa: Edições 70.

**Bizarro, R.** (2008). O ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira: do objectivo aos objectivos. In Bizarro, R. (org.), *Ensinar e aprender línguas e culturas estrangeiras hoje: que perspectivas?* Porto: Areal Editores, 82-89.

\_\_\_\_\_ (org.) (2006). *Como abordar... a escola e a diversidade cultural*. Porto: Areal Editores.

\_\_\_\_\_ (org.) (2007). *Eu e o outro, estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto: Areal Editores.

\_\_\_\_\_ (org.) (2008), *Ensinar e aprender línguas e culturas estrangeiras hoje: que perspectivas?* Porto: Areal Editores.

**Caels, F. & Mendes, M.** (2008). Diversidade linguística na escola – uma problemática global. In Mateus, M. H. M., Pereira, D. & Fischer, G. (coord.) *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*. Lisboa: edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 271-293.

**Cancio, M. R.** (2007). Diversidad cultural y educación intercultural. In Bizarro, R. (org.) (2007). *Eu e o outro, estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto: Areal Editores, 354-366.

**Cardoso, C. M.** (2005). *Educação multicultural. Percursos para práticas reflexivas*. Lisboa: Texto Editores.

**Capucho, M. F.** (2007). Eu e o outro – línguas e identidades culturais em tempo de globalização. In Bizarro, R. (org.) (2007). *Eu e o outro, estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto: Areal Editores, 312-322.



**Casa-Nova, M. J. (2005).** (I)Migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspectiva. Retirado a 16 de Agosto de 2010 de: [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7886/1/\(I\)%20Migrantes,%20diversidades.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7886/1/(I)%20Migrantes,%20diversidades.pdf).

**Cohen, J. (1999).** Intégration: théories, politiques et logiques d'État. In Dewitte, P. (Dir.). *Immigration et intégration, l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 32-42.

**Corredoira, T. (2007).** A aprendizagem da língua estrangeira como um processo de conhecimento real do outro. In Bizarro, R. (org.), *Eu e o outro, estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto: Areal Editores, 408-415.

**Costa-Lascoux, J. (1999).** L'intégration à la française: une philosophie, des lois. In Dewitte, P. (Dir.). *Immigration et intégration, l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 328- 340.

**Crispim, M. L. (1999).** Português, língua não materna: formação de docentes. Revista Noesis. Disponível em: <http://www.dgidec.min-edu.pt/innovbasic/edicoes/noe/noe51/dossier2.htm>. Acedido em Agosto de 2009.

**Delors, J. (1999).** Os quatros pilares da educação. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. In UNESCO, MEC, *Um tesouro a descobrir*. São Paulo:Cortez Editora, 89-102. Retirado a 16 de Agosto de 2010 em: <http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm#Relatório>.

**Díaz-Aguado, M. J. (2003).** *Educação intercultural e aprendizagem cooperativa*. Porto: Porto Editora.

**Ferréol, G. (Def.)** (2007). *Dictionnaire de Sociologie*. Paris: Encyclopædia Universalis: Albin Michel, 421-423.

**Fischer, G. & Correia, M. L.** (1999). Aprender a ensinar português como língua não materna. Revista Noesis, nº 51. Disponível em: <http://www.dgidec.min-edu.pt/innovbasic/edicoes/noe/noe51/dossier6.htm>. Acedido em Agosto de 2009.

**Garson, J-P. & Thoreau, C.** (1999). Typologie des migrations et analyse de l'intégration. In Dewitte, P. (Dir.). *Immigration et intégration, l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 15-31.

**Gomes, A.** (1992). A escola como instituição privilegiada de contacto/integração na sociedade portuguesa. In Simões, C. e tal. *A comunidade africana em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, 33-35.

**Grosso, M. J.** (2007). Língua não materna – uma problemática conceptual. Retirado a 16 de Julho de 2010 em: [http://www.proformar.org/revista/edicao\\_22/hm\\_prob\\_conceptual.pdf](http://www.proformar.org/revista/edicao_22/hm_prob_conceptual.pdf).

**Grosso, M. J. R.** (2007). A prática pedagógica na diversidade multicultural. In Bizarro, R. (org.). *Eu e o outro, estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto: Areal Editores, 335-340.

**Jesus, H. & Neves, A. L.** (2004). *Relação escola-aluno-família. Educação intercultural uma perspectiva sistémica*. Porto: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

**Houaiss, A. & Villar, M. S.** (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Vol. II. Lisboa: Temas e Debates, 2113.

**Leite, C.** (2007). A atenção ao multiculturalismo na educação escolar, em Portugal. In Bizarro, R. (org.) (2007). *Eu e o outro, estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto: Areal Editores, 36-42.

**Lorcerie, F.** (1999). La «scolarisation des enfants de migrants»: fausses questions et vrais problèmes. In Dewitte, P. (Dir.). *Immigration et intégration, l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 212-221.

**Maalouf, A.** (2002). *As identidades assassinas*. 2ª edição. Viseu: Difel.

**Machado, F. L. & Matias, A. R.** (2006). Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica. Retirado a 16 de Agosto de 2010 em: [http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP13\\_Machado-Matias\\_.pdf](http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP13_Machado-Matias_.pdf)

**Machado, J. P.** (1990). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Vol. III. Lisboa: Livros do Horizonte, 310.

**Madeira, A.** (2008). Aquisição de L2. In Osório, P. & Meyer, R. M. (coord.), *Português língua segunda e língua estrangeira*. Lisboa: Lidel, 189-201.

**Mateus, M. H. M., Pereira, D. & Fischer, G.** (coord.) (2008). *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*. Lisboa: edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

**Mateus, M. H. M.** (2008). O ensino do português como língua não materna: algumas recomendações. In Mateus, M. H. M., Pereira, D. & Fischer, G. (coord.) *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*. Lisboa: edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 329-339.

**Matos, I. A.** (2004). Diversidade linguística e ensino de português. Retirado a 28 de Julho de 2010 em: <http://www.ipv.pt/millennium/millennium33/2.pdf>.

**Mendes, A. P. C.** (2006). Contextos migratórios e educação intercultural. *In* Bizarro, R. (org.), *Como abordar... a escola e a diversidade cultural*. Porto: Areal Editores, 133-142.

**Mendes, M.** (2008). Avaliação do nível de proficiência linguística. *In* Mateus, M. H. M., Pereira, D. & Fischer, G. (coord.) *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*. Lisboa: edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 305-325.

**Miaille, M.** (2000). Questões de cidadania e aprendizagem na escola. *In* Viegas, J. M. L. & Dias, E. C. (Org.), *Cidadania, integração, globalização*. Oeiras: Celta Editora, 11-24.

**Milheiro, A. M.** (1992). A educação multicultural e a integração das minorias étnicas. *In* Simões, C. e tal. *A comunidade africana em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, 97-99

**Miranda, F. B.** (2004). *Educação intercultural e formação de professores*. Porto: Porto Editora.

**Moreau, A.** (1999). Culture de l'entre-deux et adaptation psychique des migrants. *In* Dewitte, P. (Dir.). *Immigration et intégration, l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 246-251.

**Navarro, M. & Machado, M.** (1992). Escolarização de crianças pertencentes a minorias étnicas. *In* Simões, C. e tal. *A comunidade africana em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, 23-32.

**Oliveira, A. L. et al** (2007). Integrar em língua portuguesa: considerações finais do projecto Aproximações. Retirado a 1 de Maio de 2010 em [http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Seminario\\_LPIntegracao/9\\_Elisabete\\_Afonso.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Seminario_LPIntegracao/9_Elisabete_Afonso.pdf)

**Osório, P. & Meyer, R. M. (coord.)** (2008). *Português língua segunda e língua estrangeira*. Lisboa: Lidel.

**Peres, A. N.** (2006). Educação intercultural e formação de professores. In Bizarro, R. (org.), *Como abordar... a escola e a diversidade cultural*. Porto: Areal Editores, 120-132.

**Pinto, A. D. & Miranda, C.** (2006). Português como língua não-materna e cidadania: metodologia de uma prática pedagógica e reflexões suscitadas. *Idiomático, Revista Digital de didáctica de PLNM*. Disponível em: [http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/06/idiomatico06\\_artigo01.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/06/idiomatico06_artigo01.pdf). Acedido em Dezembro de 2009.

**Pinto, A. D.** (2007). A institucionalização do português língua não materna em Portugal. *Revista Proformar on-line*. Disponível em: [http://www.proformar.org/revista/edicao\\_21/institucionaliza\\_portugues.pdf](http://www.proformar.org/revista/edicao_21/institucionaliza_portugues.pdf). Acedido em Abril 2010.

**Pinto, P. F.** (1999). Transversalidade da língua segunda. *Revista Noesis*, nº51. Disponível em: <http://www.dgidc.min-edu.pt/innovbasic/edicoes/noe/noe51/dossier8.htm>. Acedido em Agosto de 2009.

**Portes, A.** (1999). *Migrações internacionais. Origens, tipos e modos de incorporação*. Oeiras: Celta Editora.

**Puhle, H-J.** (2000). Cidadania e estado-nação. *In* Viegas, J. M. L. & Dias, E. C., *Cidadania, integração, globalização*. Oeiras: Celta Editora, 25-35.

**Ramos, M. C.** (2007). Diásporas, culturas e coesão social. *In* Bizarro, R. (org.) (2007). *Eu e o outro, estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto: Areal Editores, 78-95.

**Ramos, N.** (2007). Interculturalidade, educação e desenvolvimento – o caso das crianças migrantes. *In* Bizarro, R. (org.) (2007). *Eu e o outro, estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto: Areal Editores, 367-375.

**Silva, M. C. V.** (2008). *Diversidade cultural na escola, encontros e desencontros*. Lisboa: Edições Colibri.

**Solla, L.** (2008). Ensino do português em contextos de diversidade linguística. *In* Mateus, M. H. M., Pereira, D. & Fischer, G. (coord.) *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*. Lisboa: edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 295-303.

**Tavares, C. F.** (2007). *Didáctica do português língua materna e não materna no ensino básico*. Porto: Porto Editora.

**Tavares, A.** (2008). *Ensino/aprendizagem do português como língua estrangeira*. Lisboa: Lidel.

**Tuckman, B. M.** (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

**Vermeulen, H.** (2001). *Imigração, integração e a dimensão política da cultura*. Lisboa: Edições Colibri, 201-218.

**Viegas, J. M. L. & Dias, E. C.** (2000). Globalização e novos horizontes da cidadania. *In* Viegas, J. M. L. & Dias, E. C. (Org.), *Cidadania, integração, globalização*. Oeiras: Celta Editora, 1-8.

**Wieviorka, M.** (1999). Le multiculturalisme: solution, ou formulation d'un problème? *In* Dewitte, P. (Dir.). *Immigration et intégration, l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 418-425.

## **Legislação e documentos oficiais**

### **2010**

Presidência do Conselho de Ministros (2010). Consulta pública do Anteprojecto II Plano para a Integração dos Imigrantes. Disponível em: [http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Documentos/PCM/Anteprojecto\\_PII.pdf](http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Documentos/PCM/Anteprojecto_PII.pdf).

### **2009**

Ofício-Circular nº OFC/DGIDC/2009/3, de 12 de Maio de 2009. Disponível em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/OFCirc%203PLNM.pdf>.

Parlamento Europeu (2009). Relatório sobre a educação dos filhos dos migrantes (2008/2328(INI)). Comissão da Cultura e da Educação. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//NONSGML+REPORT+A6-2009-0125+0+DOC+PDF+V0//PT>.

### **2008**

Ofício-Circular nº OFC-DGIDC/2008/19. Disponível em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/OFCDGIDC19.pdf>.

DGIDC (2008). Leiria, I. (coord.) *et al.* Orientações Programáticas de Português Língua Não Materna (PLNM) Ensino Secundário. Disponível em: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/OrientProgramatPLNMVersaoFinalAbril08.pdf>. Acedido em Abril de 2010.

Despacho Normativo nº 19/2008, de 19 de Março de 2008. Disponível em: [http://sitio.dgicd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/despachonormativo19\\_2008.pdf](http://sitio.dgicd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/despachonormativo19_2008.pdf).



Ofício-Circular nº OFC-DGIDC/2008/1. Disponível em: [http://sitio.dgdc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/ofcircular1\\_2008.pdf](http://sitio.dgdc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/ofcircular1_2008.pdf).

## **2007**

Despacho Normativo nº 30/2007, de 10 de Agosto de 2007. Disponível em: <http://sitio.dgdc.min-edu.pt/PressReleases/Documents/despachonormativo302007.pdf>.

Ofício-Circular nº 23/DSEE7DES/07, de 22 de Maio de 2007. Disponível em: [http://sitio.dgdc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/738/of\\_cir\\_23\\_dsee7des\\_07.pdf](http://sitio.dgdc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/738/of_cir_23_dsee7des_07.pdf).

Presidência do Conselho de Ministros, resolução do Conselho de Ministros nº 63-A/2007, de 3 de Maio de 2007. Disponível em: <http://www.portaldasaude.pt/NR/rdonlyres/CACE7427-2E68-469B-AA29-DE5E8CB5AF69/0/00020023.pdf>.

**Marques, R.** As grandes linhas da política de acolhimento e integração de imigrantes em Portugal. Presidência do Conselho de ministros – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas. Disponível em: [http://web.ccdralg.pt/sids/indweb/imagens/docs\\_extra/Grandes%20linhas%20da%20pol%C3%ADtica%20de%20acolhimento%20e%20integra%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://web.ccdralg.pt/sids/indweb/imagens/docs_extra/Grandes%20linhas%20da%20pol%C3%ADtica%20de%20acolhimento%20e%20integra%C3%A7%C3%A3o.pdf)

Decreto-Lei nº 167/2007, de 3 de Maio de 2007. Disponível em: <http://www.dre.pt/pdf1sdip/2007/05/08500/29502954.PDF>.

DGIDC (2007). Pascoal, J. & Oliveira, T. (2007). Português Língua Não Materna no Currículo Nacional Orientações Nacionais: Diagnóstico de competências em Língua Portuguesa da população escolar que frequenta as escolas portuguesas. Disponível em: [http://sitio.dgdc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/PLNM\\_teste-diagnostico.pdf](http://sitio.dgdc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/PLNM_teste-diagnostico.pdf). Acedido em Abril de 2010.

DGIDC (2007). *Linhas orientadoras para o trabalho inicial em Português língua não materna, ensino secundário*. Disponível em: [http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=61&fileName=linhas\\_orientadoras\\_pt.pdf](http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=61&fileName=linhas_orientadoras_pt.pdf). Acedido em Abril de 2010.

## **2006**

Ofício-Circular nº 55/DSEE/06. Disponível em: <http://sitio.dgipc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/739/OfCirc55PLNM.pdf>.

Despacho Normativo nº 7/2006, de 6 de Fevereiro de 2006. Disponível em: [http://sitio.dgipc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/740/DN7\\_2006.pdf](http://sitio.dgipc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/740/DN7_2006.pdf).

## **2005**

Comissão das Comunidades Europeias (2005). Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das regiões: Agenda comum para a integração – Enquadramento para a integração de nacionais de países terceiros na União Europeia. Retirado a 23 de Janeiro de 2010 em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2005:0389:FIN:PT:PDF>.

DGIDC (2005). Leiria, I. (Coord.) *et al* (2005). *Português Língua Não Materna no Currículo Nacional Orientações Nacionais: Perfis linguísticos da população escolar que frequenta as escolas portuguesas*. Disponível em: [http://sitio.dgipc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/PLNM\\_perfis-linguisticos.pdf](http://sitio.dgipc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/PLNM_perfis-linguisticos.pdf). Acedido em Abril de 2010.

DGIDC (2005). Perdigão, M. (coord.) *et al* (2005). *Português Língua Não Materna no currículo nacional documento orientador. Programa para integração dos alunos que não têm o português como língua materna*. Disponível em: [http://sitio.dgipc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/PLNMDoc\\_orientador.pdf](http://sitio.dgipc.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/PLNMDoc_orientador.pdf). Acedido em Abril de 2010.

## **2004**

Decreto-Lei nº 74/2004, de 26 de Março de 2004.

## **2001**

Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. Porto: Edições Asa. Disponível em: [http://sitio.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/724/Quadro\\_Europeu\\_total.pdf](http://sitio.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/724/Quadro_Europeu_total.pdf).

Acedido em Abril de 2010.

Decreto-Lei nº 6/2001, de 18 de Janeiro de 2001. Disponível em: [http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=decreto\\_lei\\_6\\_2001.pdf](http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=decreto_lei_6_2001.pdf).

## **1999**

Conselho Europeu de Tampere 15 e 16 de Outubro de 1999, Conclusões da Presidência. Retirado a 6 de Abril de 2010 em: [http://www.europarl.europa.eu/summits/tam\\_pt.html](http://www.europarl.europa.eu/summits/tam_pt.html).

## **1986**

Lei nº 46/86, de 14 de Outubro de 1986. Lei de Bases do Sistema Educativo. Disponível em: [http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=lei\\_46\\_86.pdf](http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=lei_46_86.pdf).